



PRESENÇA LUTERANA E A COMUNIDADE DE NOVA TEUTÔNIA – SEARA, SC

LUTHERAN PRESENCE AND THE COMMUNITY OF NOVA TEUTÔNIA – SEARA, SC

Lori Altmann*

Resumo: Este artigo coloca-se no marco dos 200 anos de presença luterana no Brasil através de uma abordagem multidisciplinar e pretende estabelecer uma interrelação entre gênero, migrações e interculturalidade como aspectos da formação de experiências e narrativas na jornada histórica de uma comunidade luterana específica. Apresenta um estudo de caso, fruto de minha pesquisa de doutorado, sobre a construção da história de uma comunidade num espaço de conflito e de risco de desenraizamento. Interpreto uma situação em contexto de imigração com elementos interétnicos referindo-me à disputa por terra entre uma comunidade indígena Kaingang da Terra Indígena Toldo Pinhal e famílias de pequenos agricultores da região de Nova Teutônia, Seara, SC¹.

Palavras-chave: Nova Teutônia. Conflito interétnico. Imigração. Memória. Identidade.

Abstract: This article has its place within the framework of 200 years of Lutheran presence in Brazil through a multidisciplinary approach. It aims to establish an interrelationship between gender, migrations and interculturality as aspects of the formation of experiences and narratives in the historical journey of a specific Lutheran community. It presents the result of my doctoral research, a case study on the construction of the history of a community in a space of conflict and risk of uprooting. I interpret a situation referring to the dispute over land between a Kaingang indigenous community and families of small farmers. The immigration context with interethnic elements involves people from the Toldo Pinhal Indigenous Land and from the Nova Teutônia region, Seara, SC.

Keywords: Nova Teutônia. Interethnic conflict. Immigration. Memory. Identity.

* Pastora emérita da IECLB, mestre em Ciências da Religião pela UESP e em Antropologia pela UFRGS, doutora em Teologia pela Faculdades EST, pastora voluntária do COMIN. E-mail: lori.altmann@yahoo.com

¹ ALTMANN, Lori. **Memória, identidade e um espaço de conflito:** A Comunidade de Nova Teutônia no contexto de disputa por terra com a comunidade Kaingang da Área Indígena Toldo Pinhal. 2007. 342 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2007. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/77/1/Altmann_I_td61.pdf. Acesso em: 01 jul. 2024.

INTRODUÇÃO

A história da Comunidade Evangélica de Nova Teutônia, hoje no município de Seara, SC, criada em 1924, é bem anterior ao surgimento da própria IECLB como igreja nacional, e ela esteve presente na trajetória de famílias de imigrantes desde os primórdios de sua chegada à região. Conforme dados bibliográficos, documentais e da memória dos primeiros imigrantes ou descendentes desses, a colonizadora Luce, Rosa & Cia atraiu famílias de imigrantes da Alemanha e do sul do Brasil, para ocuparem a região em meados da década de 1920. Essas famílias luteranas, a partir da primeira década do século XX, adquiriram de boa-fé terras em territórios tradicionais indígenas. À época de minha pesquisa, elas estavam na iminência de perder suas terras, resultado da ação do Estado brasileiro em reconhecer os direitos originários da minoria indígena.

Desenvolvi esta pesquisa com base nas teorias da memória², ligadas à Antropologia³ e à Nova História, utilizando documentos e narrativas de imigrantes que, ao reconstruírem suas histórias, elaboraram a experiência de viver numa situação de conflito de interesses e de direitos. A memória e a identidade dessas famílias vão se constituindo de lembranças e esquecimentos, de omissões e silêncios através das narrativas⁴. Volto meu olhar para a ação da Igreja evangélica luterana na região onde se situa essa comunidade, sob o ponto de vista histórico e em sua relação com as questões agrárias e indígenas. Destaco a importância da terra para essas famílias agricultoras, proprietárias de pequenas áreas. A terra é entendida por elas como espaço de territorialidade histórica e tradicional, que se explicita na relação construída entre memória e identidade.

No decorrer da história brasileira, muitas famílias de imigrantes evangélicos luteranos⁵ de origem germânica acabaram sendo instaladas nos Estados do Rio Grande do Sul e Santa Catarina, em terras originalmente indígenas. Essas famílias, na maior parte das vezes ocupantes de boa-fé⁶, passaram a construir um universo fantástico de

² BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança dos velhos. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

³ ECKERT, Cornelia. Memória e identidade: Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: Mineiros do carvão. **Cadernos de Antropologia**, n. 11, 1993.

⁴ ALTMANN, Lori. **Memória e identidade** – Comunidade de Nova Teutônia/SC. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 5, p. 18-26, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/2143/2051>. Acesso em: 18 jul. 2004.

⁵ Utilizo evangélicos, luteranos e evangélico-luteranos quase como sinônimos.

⁶ Neste caso a “boa-fé” é das famílias de agricultores e não do estado de Santa Catarina e da Colonizadora (que recebeu a concessão do estado de SC e vendeu os lotes). As comunidades indígenas presentes nesse território foram expulsas pela colonizadora, para “limpar” os lotes.

representações sobre o “outro”, o indígena, que serviu para explicar e justificar, para si próprios e para as outras pessoas, o seu direito de ocupar e de permanecer nesses territórios que já tinham ocupantes muito antigos.

A IECLB ENTRE POVOS INDÍGENAS E AS FAMÍLIAS AGRICULTORAS

A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, organizada como igreja nacional apenas em 1968, desenvolve trabalhos missionários junto a populações indígenas tanto no sul⁷ como no norte do país desde os anos de 1960, hoje através do Conselho de Missão entre Índios – COMIN. Nesse caso, ela precisou lidar com uma relação histórica e conflituosa entre colonos e indígenas⁸. Nos últimos anos surgiu, especialmente no sul do país, um movimento de retomada de terras por parte de algumas comunidades indígenas, que viram suas terras usurpadas ou reduzidas em épocas passadas. Diante da perspectiva da perda da terra, sua ou de seus antepassados, e para justificar seus direitos, muitas famílias evangélicas luteranas passaram a reconstruir discursivamente a memória de sua presença na região. Ao construírem narrativas, que remontam a sua chegada ou de seus antepassados, resgatam simultaneamente uma identidade étnica e religiosa específica, na qual buscam a legitimação de sua presença nesses territórios.

A IECLB então passa a se preocupar com essas famílias e em como acompanhá-las e apoiá-las neste processo. Através de documentos da história da igreja na região, identifiquei as raízes e os desdobramentos deste conflito. Nas narrativas percebi a maneira como essas famílias luteranas estavam elaborando a nova situação de crise, conflito e risco de desenraizamento e de como expressavam essa experiência através de seu discurso e de sua memória, tanto pessoal como familiar. Documentos e depoimentos ajudaram a identificar como se deu a reconstrução da sua identidade étnica e religiosa diante da nova realidade.

É importante destacar a atuação da IECLB no oeste de Santa Catarina por seu trabalho popular e suas posições teológicas e políticas frente a situações de injustiça e desigualdade. A Igreja se posicionou perante uma situação marcada por grave conflito

⁷ DECKMANN, Eliane Cristina. **A IECLB e a questão indígena no RS**. Monografia para o Curso de História, Centro de Educação e Humanismo, da UNISINOS, em São Leopoldo, 1985.

⁸ KOCH, Ingelore Starke (org.). **Brasil: outros 500: Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular**. São Leopoldo: Sinodal/COMIN/IEPG, 1999.

de direitos, envolvendo dois grupos igualmente sujeitos a profunda vulnerabilidade: pequenos agricultores e indígenas.

MEMÓRIA, IDENTIDADE E A PREVALÊNCIA DE CERTAS VOZES

Saliento aqui que as fontes documentais utilizadas foram em sua grande maioria de homens, a exemplo do diário de Fritz Plaumann, imigrante e entomologista, que descreve a vila de Nova Teutônia, em seus espaços e expressões da memória e relata o cotidiano dessas famílias de agricultores nos primórdios da colonização⁹. Em relação às entrevistas, foram poucas as mulheres que consegui entrevistar. Algumas, na presença dos maridos, eram silenciadas pelo monopólio da fala exercida pelos mesmos.

No processo de pesquisa tive consciência de que, em alguns casos, teria sido conveniente conseguir visitar e gravar sozinha as entrevistas na linha da etnografia como experiência intersubjetiva¹⁰, pois a presença de uma terceira pessoa exerce influência nas narrativas, cria-se outro tipo de relações. Percebi isso no caso de uma entrevista em que o casal estava junto. A esposa, ao me acompanhar até a porta, solicitou que eu voltasse em outro horário para entrevistá-la na ausência do marido, pois tinha relatos que gostaria de compartilhar comigo e fotos para me mostrar. Gravei entrevista com ela, em outra viagem a campo, estando ela já na condição de viúva.

Cabe lembrar aqui a filósofa e teóloga feminista Ivone Gebara que escreveu, em seu livro **Rompendo o Silêncio**: “Daí a importância de ouvir os relatos de experiências concretas, de situá-las numa cultura e num contexto, de perceber as possíveis saídas e as esperanças concretas que elas contêm”¹¹. Ela continua: “Nesse sentido, quando se fala da experiência das mulheres, sempre se deve perguntar de que mulheres se trata”. Ao ouvir o pedido de minha interlocutora, percebi que teria um relato específico, a partir de sua experiência como mulher num contexto de imigração, vivendo este conflito de maneira muito própria. Suspeitei que ela percebesse essa diferença e a quisesse compartilhar comigo. Ivone Gebara salienta: “A ‘suspeita’ se torna um instrumento de trabalho sempre presente na pesquisa feminista”¹².

⁹ SPESSATTO, Mary Bortolanza (org.). **O Diário de Fritz Plaumann**. Chapecó: Argos, 2001.

¹⁰ GEERTZ, Clifford. **Negara: O estado teatro no século XIX**. Lisboa: Difel, 1980. p. IX.

¹¹ GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio: uma fenomenologia feminista do mal**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 30.

¹² GEBARA, 2000, p. 33.

As memórias trazidas pelas pessoas, principalmente pelos homens, apresentam as características do mito do pioneiro desbravador, permeado por histórias de sacrifícios, de mortes e de trabalho incansável, que resultam, segundo as narrativas, numa realidade de sucesso, progresso e desenvolvimento. Esta realidade foi colocada em risco através da iminência da perda de sua propriedade familiar. Através das narrativas, a identidade étnica e religiosa é reconstruída pelas famílias de agricultores no contraste com o “outro”, o povo Kaingang, com quem disputam o território.

O embate pela terra, propriamente dita, resgata os caminhos do processo de recuperação de território pelo povo indígena e o desenrolar do acirramento do conflito. Utilizei dados de um dossiê, de laudo antropológico a favor da comunidade indígena¹³ e de contra laudo elaborado a pedido dos colonos¹⁴. Explicito esta realidade de conflito de direitos, que leva a um enfrentamento entre memórias permeadas de ênfases, mas também de silêncios, omissões e esquecimentos. Analisei os principais temas destacados nas narrativas e interpretei as noções de crise e de conflito que foram se explicitando no decorrer da pesquisa.

Na narrativa histórica construída tanto com dados transmitidos através da forma escrita, quanto de forma oral, ao usar a fonte oral deve-se considerar o fato de que as pessoas sempre recordam a história pessoal na perspectiva de sua vida atual. Retomo Ivone Gebara, que situa a narrativa do passado à luz do presente:

Somos seres que nos contamos sempre e, cada vez, guardamos os traços do passado à luz do presente. O presente muda a compreensão que temos do passado e de nós mesmos. O presente introduz novas mediações para compreender o passado e parece às vezes ampliar ou às vezes diminuir seu significado¹⁵.

As famílias agricultoras tendem, em suas recordações, a construir uma história de sucesso, de luta, de continuidade, mas também de perdas. Por isso, importa usar tanto os documentos da época de ocupação do território, como as narrativas das pessoas, para reconstruir a história e refletir sobre seu próprio interesse nela.

¹³ FERNANDES, Ricardo Cid. **Relatório circunstanciado de reestudo dos limites da Terra Indígena Pinhal (Toldo Pinhal)**. Resultado parcial do trabalho realizado pelo Grupo Técnico constituído pela Portaria da FUNAI n. 020/PRES, emitida pela FUNAI, em 18 de janeiro de 2002. Brasília, 20/06/2003.

¹⁴ BADALOTTI, Rosana Maria. **Da ocupação do território no Oeste Catarinense aos dias atuais: Breve diagnóstico histórico e antropológico sobre os agricultores familiares atingidos pela demarcação de terras indígenas nos municípios de Seara, Arvoredo e Paial – SC**. Chapecó, janeiro de 2004 (cópia).

¹⁵ GEBARA, 2000, p. 48.

A ESCOLHA DO UNIVERSO DA PESQUISA, AS DESCOBERTAS E OS IMPASSES

A pesquisa se deu numa situação de conflito interétnico, o que acabou se refletindo em minha pesquisa, por implicações geradas por minha biografia pessoal como missionária indigenista da IECLB, impactando minha relação com as diferentes personagens do universo pesquisado. Desde meados da década de 1970 até 1997, minha história pessoal esteve marcada pelo engajamento com a questão indígena através de um trabalho missionário pela IECLB. A partir de uma convivência direta e continuada e uma atuação prática, dentro do que denominamos à época Pastoral de Convivência¹⁶, fui treinando um olhar que privilegiava o enfoque e os direitos indígenas. Na sequência passei a ter dúvidas e questionamentos sobre minhas posições anteriores e percebi os riscos de uma visão dicotômica, que se debatia no afã de definir o que era justo e legal do ponto de vista dos povos indígenas. Passei a perceber que a realidade se apresenta de uma maneira bem mais complexa do que imaginava. É preciso ser permeável e atenta para captar esta complexidade, que se expressa no cotidiano das relações interpessoais e grupais ou na irrupção de certos eventos excepcionais.

A partir do momento em que defini e explicito o tema da pesquisa, passei a tornar-me alvo de olhares e expressões de reprovação por parte de antigos parceiros de trabalho que atuavam e atuam na questão indígena. Sentia que essas pessoas me percebiam como alguém que mudou de lado, ou seja, uma “traidora da causa”. Era como se eu estivesse negando toda uma história pessoal pelo simples fato de tentar olhar a situação de outra perspectiva. Ou seja, tentar ouvir as versões dos outros grupos atingidos pela situação de conflito na disputa pela terra entre colonos¹⁷ e indígenas.

Fui alertada por Cornelia Eckert¹⁸ de que, ao pesquisar uma situação de conflito, corria o risco de construir um texto que, ao final, poderia não interessar a nenhum dos atores envolvidos. Passei a perguntar-me, então, o que uma pesquisa em situação de conflito, que envolve interlocutores tão diversos como agricultores, indígenas, IECLB e

¹⁶ ALTMANN, Lori. **Convivência e solidariedade**: Uma experiência pastoral entre os Kulina (*Madija*). Cuiabá: GTME; São Leopoldo: COMIN, 1990.

¹⁷ Usarei colonos ou agricultores como sinônimos. Cf. SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: Análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 7, n. 18, fev. 1992. p. 80. “Ele é chamado Kolonist (colono), termo cuja gênese remonta ao início da colonização, no século XIX ...”.

¹⁸ Cornelia Eckert é doutora em Antropologia, professora no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social pela UFRGS e coorientadora de minha tese de doutorado.

meus pares na academia, poderia construir e que tipo de repercussão poderia vir a provocar nos atores sociais direta ou indiretamente implicados.

Comentei meu projeto de pesquisa com a antropóloga Kimiye Tommasino¹⁹ e a intenção de focar nas famílias de Cunha Porã em disputa com indígenas pela Terra Indígena Araça'i. Ela disse não ser este um ambiente propício para pesquisa, pois poderiam acontecer duas coisas: a) Que a pesquisa fosse a favor deles e, nesse caso, poderiam dar uma versão interessada ao fornecerem as informações da pesquisa; b) Esse grupo não aceitar a pesquisa e impedir sua realização.

Depois de conversas com as duas antropólogas e com colegas pastores e pastoras da IECLB que conhecem a região de Cunha Porã, SC, em especial das equipes do COMIN, decidi buscar outro local de pesquisa onde existisse uma situação de disputa, mas o conflito não estivesse tão acirrado. Aproveitando reunião do COMIN, em São Leopoldo, RS, solicitei espaço para buscar informações sobre diferentes situações de disputa por terra entre famílias luteranas e comunidades indígenas. Foram-me indicados alguns casos e, entre eles, pareceu-me mais adequada para pesquisa a situação que envolvia membros da comunidade luterana de Nova Teutônia, da Paróquia Evangélica de Seara, SC, do Sínodo Uruguai da IECLB²⁰.

A ACOLHIDA E AS NARRATIVAS

Em 15/06/2003, iniciei a primeira viagem à Seara. O apoio do pastor local, Leomar Fenner, foi importante e, em alguns casos, imprescindível, pois, conhecendo bem a região e muitas das famílias envolvidas no conflito, foi um interlocutor privilegiado, com quem pude discutir inúmeras vezes a pesquisa. Nas entrevistas com pessoas mais idosas, que falavam apenas a língua alemã, auxiliou-me como intérprete e também facilitou o acesso a pontos isolados. Sendo eu pessoa estranha à comunidade e às famílias, sua presença ajudou no meu processo de aproximação.

Nessa primeira viagem, participei de um culto de ação de graças na Comunidade de Linha Pindorama, município de Itá, integrante da Paróquia de Seara e formada por 32 famílias. Fotografei o templo utilizado de forma alternada e ecumênica pela comunidade luterana e católica do lugar, algo pouco comum nos meios religiosos.

¹⁹ TOMMASINO, Kimiye (Coord.) **Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Guarani de Araça'i**. Portaria 928 – FUNAI/MJ. Londrina/Chapecó, ago. 2001. v. I e II.

²⁰ Para maiores informações acerca da estrutura da IECLB, ver a página: www.ieclb.org.br.



Observei na entrada, o logotipo e a logomarca de ambas as denominações: católica à esquerda e luterana à direita. Na fachada externa do templo estava escrito: Igreja Ecumênica – Católica e Evangélica Luterana no Brasil.

Após o culto, participamos de almoço, no pavilhão das comunidades e da sociedade esportiva. Havia churrasco assumido em conjunto e de forma partilhada. Cada família trouxe algum alimento como ação de graças: cuca, pão, salada, carne de porco e de gado. Antes do culto, as pessoas levaram para frente do altar dádivas na forma de produtos cultivados ou confeccionados por elas, que seriam leiloados ao final em benefício da comunidade. As doações foram anunciadas por leiloeiros, que coordenaram a atividade animadamente, oferecendo mandioca, batata-doce, ovos, açúcar mascavo, queijo, feijão, pipoca, salame, etc. Mudanças de flores foram trocadas.

Durante o almoço, conversei com algumas mulheres. Uma delas falou que sua filha cursava Teologia em São Leopoldo. Ocorreu-me que seria interessante integrá-la no processo de pesquisa, o que cheguei a fazer mais tarde. Chamou-me a atenção a grande incidência de pessoas portadoras de deficiência. Vi três dessas pessoas, sendo duas crianças e uma adulta. No almoço, comentei sobre isso com as mulheres. Falaram que as crianças frequentavam a APAE duas vezes por semana com transporte escolar disponibilizado para elas. Disseram-me que estes casos poderiam estar relacionados ao uso de agrotóxico no plantio de fumo.

Soube que na região em geral as pessoas têm poucos filhos e filhas. Um indicativo disso poderia ser o pequeno número de crianças matriculadas no Ensino Confirmatório da paróquia: apenas 3 crianças num universo de 32 famílias. Duas delas iniciaram e depois saíram, pois suas famílias voltaram para as comunidades de origem.

Conversei ainda com uma senhora cujo filho está realizando um curso sobre agroecologia, oferecido pelo CAPA em Palmitos, SC. Ele gostaria de frequentar um curso técnico de agricultura, mas a família tinha dificuldade de oferecer-lhe, pois o curso era pago. Observei ser comum a saída de jovens do município para buscar novas perspectivas de futuro.

Acompanhei uma conversa entre um grupo de mulheres, que girou ao redor das atividades de final de semana. Duas falaram comigo, comentando que os homens não ficavam em casa aos domingos, pois iam jogar bocha e que elas precisavam se contentar em ficar em casa tomando chimarrão. Uma delas corrigiu esta afirmação dizendo que às vezes iam à matinê do clube de mães.

De volta à casa pastoral em Seara, Leomar Fenner mostrou-me textos sobre a Al Toldo Pinhal e sobre a região, com importantes informações para a pesquisa. Um texto foi **O diário de Fritz Plaumann**, imigrante e entomologista. Consegui mais tarde um exemplar do livro, em visita ao Museu Plaumann em Nova Teutônia.

A primeira pessoa visitada em 17/06/2003 foi o presidente da paróquia, Carlos Kraft, com sua esposa à época e sua sogra (mãe da esposa do primeiro casamento, já falecida). Dele recebi informações sobre a região em que vivia, pois foi indenizado e saiu da área que, naquele momento, já se encontrava em poder de indígenas Kaingang. Sua sogra, casada com um funcionário da Companhia Colonizadora Luce, Rosa & Cia., atuante na região a partir de 1918, fez relatos em língua alemã e se emocionou quando falou de seu pai, sua mãe e sua filha, primeira esposa de Carlos. Mostrou-nos um quadro com a certidão de óbito do marido e um antigo mapa da área dividida em lotes (colônias) da colonizadora. Ela ainda mencionou e nos mostrou um livro de Wilhelm Rotermund sobre os primórdios da igreja luterana no Brasil.

Figura 1 – Sogra do Sr. Carlos Kraft segurando um quadro da certidão de óbito de seu marido.



Fotografia: Lori Altmann, 17/06/2003, Seara, SC.

Em Nova Teutônia, visitei Joana Freyer, vice-secretária da comunidade, e com ela encontramos cópia de texto histórico em alemão, escrito pelo P. Hans Dietrich Krause em 1974²¹, quando de sua saída da paróquia. Joana traduziu partes do documento para a filha, que fazia trabalho para o Ensino Confirmatório sobre a história da comunidade a

²¹ Texto original sem título escrito em língua alemã pelo P. Hans Dietrich Krause, Município de Aratiba, RS, 06/05/1974. Digitalizado do original pelo pastor Wilfried Hermann Hasenack, do Arquivo da IECLB/EST, arqhist@est.com.br – São Leopoldo, RS, e traduzido por Nélío Schneider.

pedido do pastor. Na conversa, ela falou que a Colonizadora que vendeu os lotes na região, chamados de colônia²², ainda existia em Porto Alegre e que, contratado pela colonizadora, o P. Georg Weidemann veio da Alemanha, acompanhando colonos evangélicos, tendo atuado até maio de 1935. Inicialmente, as comunidades da região pertenciam à Paróquia de Barra do Sarandi, RS. A comunidade luterana não existe mais, mas ainda se pode ver a antiga casa paroquial.

Almoçamos neste dia com o presidente da Comunidade de Nova Teutônia, Almir Böttcher, e sua esposa Márcia. Ambos possuem um comércio, denominado de cooperativa, que funciona no prédio reformado da antiga moradia e casa de comércio de Fritz Plaumann. Depois entramos na área onde ocorria o processo de retirada dos colonos. Visitamos um casal da comunidade e cujo filho fazia o Ensino Confirmatório. A mãe, Marisa Terezinha Hass, leciona na escola da comunidade indígena de Toldo Pinhal, contratada pelo governo do Estado. Falou de cursos em Florianópolis oferecidos pelo Estado para professores/as atuantes em áreas indígenas e mencionou que os/as professores/as indígenas trabalham com educação bilíngue nas séries iniciais. Comentou que as crianças falam kaingang, mas que os adultos não falam mais, deduzindo ela que as primeiras aprenderam a língua apenas recentemente na escola. O marido da professora, Curt Freyer Sobrinho, comentou não estarem as crianças muito interessadas em aprender, mas nas “bolachas” (merenda). Falou ainda do negócio com os porcos, que considerava ocasionalmente lucrativo.

As famílias visitadas, que ainda viviam na área indígena, demonstraram tristeza pela indefinição da situação e pela insegurança quanto ao seu futuro. Estava prevista uma demarcação por etapas, razão pela qual não sabiam como e quando teriam suas terras desapropriadas.

Acompanhei Leomar em visita a uma grande família uns 30 km de Seara. Falamos com Curt Guilherme Freyer, nascido em 08/11/1927, filho de Guilherme e Emma Freyer. Seu pai veio da Alemanha com mais dois irmãos em 1924. Eram quatro filhos. Uma irmã faleceu na viagem de navio e foi enterrada em Florianópolis. Um dos irmãos falecera recentemente. No segundo ano da estada da família em Nova Teutônia, “estourou” o tifo como nos contou ele: “Tinha família que morria dois por dia e não tinha

²² Colônia será utilizada com base em SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no vale do Itajaí Mirim**. Porto Alegre: Movimento, 1974. p. 152. Para ela, tomada no seu sentido particular, colônia é a base da existência do camponês e unidade básica dentro daquele sistema econômico.



ninguém para enterrar, pois todos estavam doentes”. Uma pessoa ficou parálitica de tanta febre. Não havia remédio, então se pegava um lençol com salmoura e se enrolava o doente no pano molhado para baixar a febre. Seu pai fez isso e salvou o filho. Seu tio Otto foi enterrado ali (apontou para um lugar afastado da casa). Morreu de tifo também Emma Mayer. Disseram que Fritz Freyer estava em Gaurama. Pediram que eu fotografasse alguns pés de laranja bastante carregados e que lamentavam ter que abandonar.

Chegamos à Linha Brasília, na entrada dos Freyer; neste lugar estavam as próximas famílias luteranas a serem atingidas. Uma mulher falava e a casa estava cheia de crianças tomando chimarrão com leite. Comentaram a respeito de uma família de Chapecó que viera passar férias ali. Fritz pegou tétano no hospital e foi levado para Chapecó. Citaram ainda o senhor Möller, como importante para a pesquisa. Cheguei a entrevistá-lo e, apesar de sua dificuldade em ver e ouvir, expressou memória muito viva do período inicial da colonização.

Tive acesso a um abaixo-assinado dessas pessoas a respeito da área reivindicada pelos indígenas. Nele constavam nomes de membros da Comunidade Evangélica de Nova Teutônia, vários da família Freyer. Na visita de 23/12/2005, o pastor me falou de quatro grupos domésticos Freyer. A partir da primeira visita, depois de revelar as fotos, enviei cópias para as famílias e para Leomar. Considerei isso importante, pois ouvi reclamações a respeito de pesquisadores/as anteriores que gravaram entrevistas, fotografaram e não deram retorno para as pessoas pesquisadas. Procurei o P. Wilfried Hasenack, encarregado do Arquivo Histórico da IECLB/EST, para entregar-lhe o original do texto do P. Hans Dietrich Krause. Solicitei que, digitado o documento, fosse devolvida uma cópia do original em língua alemã e uma cópia da tradução, para a Comunidade de Nova Teutônia e a Paróquia de Seara.

Na primeira visita, apenas fiz anotações em caderneta de campo, pois considerei não ser momento para gravações. Fiz fotos em alguns momentos, sempre com autorização. Em duas oportunidades, vieram conversar comigo duas estudantes de Teologia da EST oriundas da região onde realizei a pesquisa: Elis Paula Vortmann, da Comunidade de Pindorama, município de Itá, descendente de família de origem holandesa (segundo ela), e Juliana Elisete Schoulten, da Comunidade de Seara e parente distante de Elis. Comentaram sobre a dificuldade de acesso aos seus locais de

origem, pois não existe ônibus direto de São Leopoldo. Tive as mesmas dificuldades de acesso à região no decorrer da pesquisa.

A PASTORAL DA CIDADANIA E A RESISTÊNCIA À PESQUISA

Leomar Fenner telefonou em 24/03/2004, convidando-me para participar de reunião de articulação da recém-criada Pastoral da Cidadania do Sínodo Uruguai, a realizar-se no CEFAPP – Centro Evangélico de Formação e Assessoria Pastoral e Popular, em Palmitos, SC. A Pastoral preocupava-se com o conflito indígenas/colonos, com atingidos/as por barragens, além de outras questões sociais e de defesa de direitos. Informou também que havia conseguido hospedagem para mim em Nova Teutônia, na casa de três famílias dispostas a me receber, o que permitiria maior aproximação e uma convivência mais cotidiana com as famílias da comunidade.

Particpei, em 25/03/2004, da reunião da Pastoral da Cidadania em conjunto com a equipe que tratava das questões dos conflitos entre colonos e indígenas, com a presença de pastores e alguns leigos. A reunião aconteceu num clima de confronto entre representantes da Paróquia de Cunha Porã e as outras pessoas participantes. Suas críticas e acusações se dirigiam em especial aos pastores como aqueles identificados com os interesses dos indígenas e contra os seus interesses: “Os que usam anel de tucum são todos a favor dos índios”, diziam. Observei que uma boa parte das pessoas presentes portava anel de tucum. Eu mesma usava aliança de tucum desde meu casamento em 1978.

O objetivo de minha presença na reunião era apresentar meu projeto de pesquisa e, alheia à composição dos participantes, apresentei-o. O desenrolar da reunião deixou-me preocupada com as consequências da pesquisa de campo para a elaboração da tese. Mais tarde fiquei sabendo que pessoas presentes à reunião contataram lideranças do movimento dos agricultores em Seara, o que veio a provocar a interrupção temporária da pesquisa. Nesse clima, acompanhei Leomar Fenner a Seara, onde pernoitamos na casa pastoral, planejando minha permanência e as possibilidades de visitas. Consegui cópia em disquete da defesa dos colonos e das prefeituras de Seara, Paial e Itá elaborada por advogados.

CONHECENDO AS FAMÍLIAS E SUAS NARRATIVAS

Em 26/03/2004, já em Nova Teutônia, pernoitei na casa do presidente da Comunidade Almir Böttcher e esposa Márcia. O casal tinha um filho de 13 anos e ela estava grávida de seis meses. O casal deu-me informações sobre a comunidade luterana e sobre a vila. No dia seguinte, fui falar com Gisela Plaumann, filha adotiva de Fritz Plaumann, que me aconselhou a falar com Thiemann e Webbering. Ela me informou que Fritz Plaumann chegou a Nova Teutônia em 1924, antes de seu pai, que chegou apenas em 1966, vindo da região de Erechim. No domingo, pernoitei na casa do falecido entomologista Fritz Plaumann. Gisela acolheu-me e acomodou-me muito bem num quarto no sótão. Apesar disso, não tive um sono tranquilo, devido às experiências dos últimos dias.

Pela manhã desci preocupada em não atrapalhar a rotina de Gisela, que levantaria cedo para abrir o Museu Fritz Plaumann, que ficava no outro lado da estrada. Como seu quarto é passagem para quem dorme no sótão, ao passar por ele levei um susto, pois ela, ainda deitada, falava alto, num tom assustado e em alemão. Não sabia o que fazer. Apesar de entender um pouco da língua alemã, não compreendi o que ela falava, nem o que estava acontecendo. Perguntei se precisava de algo, então ela despertou e disse que estava tendo um pesadelo. Sonhava que ladrões haviam entrado na casa. Perguntava-se, no sonho, como eles tinham conseguido chegar ao sótão.

Curioso foi perceber que a língua falada no sonho era a alemã, apesar de ela falar fluentemente a língua portuguesa. A língua do inconsciente, dos sonhos²³, continua a ser a materna, o que me leva a pensar na prevalência e na duração de certos aspectos culturais entre pessoas que migram para outros espaços sociais e geográficos.

Na segunda viagem, a seca estava castigando todas as plantas cultivadas. Gisela cultivava flores ao redor da casa e prezava em especial algumas das quais contava o nome, a história e a origem. Em junho de 2003, havia me dado sementes de uma flor chamada “grossandra”, originária da Suíça e, em 2004, entristecida, disse que sua flor havia morrido e as sementes plantadas não estavam brotando. A flor parecia ter grande significado para ela!

²³ Sobre a temática do sonho na sua relação com a língua, cf. BLEY, Sonia Maria. Sonho e tradução: algumas considerações. In: ROSA JUNIOR, Norton Cezar; CORRETA, Sandra (org.). **A interpretação dos sonhos: Várias leituras**. São Leopoldo: UNISINOS, 2002. p. 104.



Gisela mostrou-me uma pasta com fotos, legendas e texto doada para Fritz Plaumann, em 22/10/1982, por M. P. de Godoy, professor e biólogo, consultor da AMA-Eletrosul. As fotos foram tiradas pelo engenheiro de pesca Harlam de Vasconcelos Pipolo em 14/09/1982. O texto de Godoy, de 1982, narra que Nova Teutônia foi fundada em 1922 por colonos de origem alemã, hoje município de Seara, SC, nas proximidades da bacia do alto Rio Uruguai, mas que em tempos passados, pertenceu ao município de Itá, SC.

Numa descrição bastante técnica, informava que a região é montanhosa e que no passado, densas florestas cobriam toda a região. Em 60 anos de colonização (1922-1982), grande parte das matas foi derrubada para a prática da agricultura. A sede de Nova Teutônia não possuía arruamentos, mas caminhos que permitiam comunicações entre os domicílios distantes uns dos outros. Na vila localizavam-se três igrejas: a Igreja Evangélica Luterana filiada à IECLB, a Igreja Evangélica Luterana filiada à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB), de origem norte-americana, e a Igreja Católica. Não havia padre ou pastor residentes no local. Aos domingos, padres e/ou pastores de outras localidades vinham officiar em Nova Teutônia, e, com frequência, os ofícios eram ecumênicos, destacava o autor.

Apontando as condições precárias do local, informava que não havia médico, nem dentista, nem polícia; quando necessários, os socorros eram procurados em Seara ou Concórdia. Mencionava que “há um estabelecimento modesto de secos e molhados e outras necessidades domésticas e um pequeno bar”. O ensino de 1º grau era ministrado numa Escola Estadual até a 5ª série, e o Jardim de Infância em Escola Municipal. As famílias faziam pão, bolachas e bolos que necessitam em casa e também fabricavam queijo e manteiga para consumo local. Cada casa tinha uma pequena horta e árvores frutíferas nos quintais. A energia elétrica chegou à localidade em 1970. Informou que em todo Distrito, viviam cerca de 3.500 habitantes, em 1982.

O quarto que ocupei, na casa de Plaumann construída em 1952, tinha uma vista para o vale do Rio Ariranha e uma região montanhosa. A casa tinha dois pavimentos: na parte inferior estavam cozinha, sala de jantar e de estar, o dormitório de Gisela, chuveiro, sanitário, salas com biblioteca e coleções entomológicas e o laboratório. No pavimento superior ficavam três quartos; antes, um era de Gisela, outro de Edeltraudt Gomann (também filha adotiva de Plaumann) e outro de hóspedes. Gisela mantinha, um orquidário iniciado por Plaumann.



Na manhã de 29/03/2004, fui até a casa de Márcia para lavar roupa. Enquanto isso, esperei no armazém. Chegaram algumas pessoas como Alfredo Bernardo Carlos Rickwardt que me cumprimentou e perguntou quem eu era. Ao dizer meu nome e que vinha de São Leopoldo, perguntou-me se conhecia o pastor Nelson Kilpp, então professor na Escola Superior de Teologia (EST) em São Leopoldo, padrinho de sua filha Astrid Gerda. Ela vivia então em Chapecó, casada com Valdecir Cardoso. Disse que o caçula Rodolfo vivia em Seara e que um irmão dele se enforcou, uma irmã morreu de tifo e outra de 56 anos vivia em Seara. À tarde, fui visitá-lo bem como a esposa Erica Frida, Watermann por parte de pai. O casal vivia no final da vila, à beira do Rio Ariranhazinha. Alfredo, nascido em 1930, era filho de Otto Rickwardt e Dorothea Bernardine Rickwardt. Erica, nascida em 1947, era filha de Carlos Watermann, nascido em 1911, e de Elfrida Watermann, nascida em 1921, ambos naturais da Alemanha, segundo a certidão de casamento de Alfredo e de Erica, datada de 30/06/1973. Alfredo disse que seu pai viera da Alemanha, junto com um grupo de 18 solteirões imigrantes, em fevereiro de 1924. Teve várias profissões, entre as quais comerciante, marceneiro, professor, fotógrafo e vereador. Por ocasião da minha visita, estava aposentado e bastante doente. Gravei entrevista com ele na presença da esposa que, por diversas vezes, participou acrescentando dados ou corrigindo informações, também foi interrompida e corrigida por ele.

Nova Teutônia surgiu 80 anos antes com um grupo de migrantes que viera de Teutônia, RS, e de outros lugares da denominada Colônia Velha. Alfredo e Erica mencionaram várias famílias que teriam vindo da Alemanha e cujos descendentes poderiam dar maiores informações: Watermann (1925); Sundermeier (1925 – não têm mais descendentes no local); Krause (1925); Thiemann (1925), que vieram ainda crianças, mas não falam português; Käester (1925); Döering, Möller (irmãs Guilhermina e Gerda); Karl Heindrich; Freyer e Webering vieram mais tarde; os Klein, católicos, chegaram dois anos antes.

Na volta para casa, encontrei na saída da escola Nelci Klein Guedes, que me cumprimentou e quis saber quem eu era. Ela pertencia à comunidade católica de Nova Teutônia. Seu avô fora um dos primeiros moradores do lugar, chegara em 1922 junto com outras famílias que vieram da “Colônia Velha”, algumas de Teutônia, RS – daí o nome do lugar. Trabalhava na escola nos serviços gerais e se dispôs a falar comigo

sobre a história de seu avô, no dia seguinte, após o primeiro turno de trabalho. Encontros não programados como esse tornaram-se importantes para a pesquisa.

AS SUSPEITAS E A INTERRUPÇÃO DA PESQUISA DE CAMPO

Em 30/03/2004, chegou o P. Leomar, agitado, dizendo que fora convocado para uma reunião na igreja de Nova Teutônia com a presença de membros da IECLB, residentes em Nova Brasília, Toldo Pinhal e por lideranças do movimento dos colonos. Entre eles, citou Lauro Almiro Buth, tesoureiro da Paróquia de Seara, e Almir Bötcher, presidente, e Lauro Freyer, tesoureiro da Comunidade de Nova Teutônia. Sem querer me adiantar sobre o assunto, achou melhor que eu não participasse. Depois fui chamada e tive dificuldade de registrar o conteúdo da reunião por ter sido uma situação delicada para mim. Por causa do conflito, não pude tomar notas nem gravar. Esta reunião foi um desdobramento da reunião da Pastoral da Cidadania em Palmitos, e visava sustar minha pesquisa, pois, segundo lideranças do movimento dos colonos de Cunha Porã, eu estava ali para defender os interesses indígenas, o que, segundo eles, evidenciava-se a partir de minha história pessoal.

Cheguei à igreja, que estava lotada, e cumprimentei as pessoas individualmente. Pedi que alguém me colocasse a par do assunto que havia sido tratado antes. Pediram que o pastor o fizesse, mas ele se negou dizendo que quem convocou a reunião deveria fazê-lo. Usaram então da palavra o advogado da Prefeitura de Seara, Vilson de Souza, que havia redigido um parecer jurídico favorável aos colonos, e Gilmar Zanluchi, presidente da Comissão dos Colonos e vereador do Partido Progressista (PP) em Seara. Dirigiram muitas acusações contra pastores e pastoras da IECLB e contra pessoas da Igreja Católica, do CIMI, padres e até o bispo. As acusações eram de apoio unilateral aos indígenas, fornecendo elementos para o seu laudo antropológico e recursos materiais para a sua mobilização.

Eu disse-lhes que poderia responder de parte da minha Igreja, mas não da Igreja Católica. Sugeri que o advogado e o vereador, sendo católicos, fossem conversar com as pessoas de sua Igreja. Depois de um diálogo tenso, propus-me a interromper a pesquisa e voltar para São Leopoldo, até que a comunidade luterana reunida decidisse sobre a possibilidade ou não de continuar. Entendia que este deveria ser o fórum legítimo onde se poderia tomar a decisão, visto que a pesquisa era sobre famílias membros da

IECLB. Entendi na reunião que aquela oposição irreductível não era uma questão pessoal dirigida a mim, mas se referia a qualquer pesquisa, pois, para eles, todos os textos escritos sobre a região foram utilizados no laudo a favor dos indígenas.

Meses depois recebi carta, com cópias enviadas à Secretaria Geral da IECLB, ao Sínodo Uruguai, à Paróquia Evangélica de Seara e ao IEPG, onde eram historiadas a situação e as restrições surgidas quanto à pesquisa, mas, finalmente, era liberada a sua continuidade. Cito parte da carta assinada pelo presidente da comunidade, que me havia acolhido em sua casa e manifestado sua concordância com a pesquisa, e pelo pastor da Paróquia de Seara:

Pastora Lori Altmann, doutoranda do IEPG, iniciou sua pesquisa, em 2003, em comunidade da Paróquia Evangélica de Seara, SC [...] até o dia 28 de março de 2004, o clima era de alegria em tê-la em nosso meio, sendo acolhida por membros. Muitos membros desabafaram suas histórias, criando desta forma um processo de confiança entre membros e pesquisadora. [...] sua pesquisa estava colhendo novidades históricas e salmos de vida fascinantes. [...] A pesquisa de Lori é de interesse de membros da IECLB de Nova Teutônia²⁴.

A resistência, segundo interpretei, seria principalmente da parte de lideranças urbanas do movimento. As pessoas entrevistadas acolhiam muito bem a possibilidade de lembrar, e por isso aconteceram momentos significativos. No entanto, episódios anteriores retomados por pessoas interessadas na manutenção do conflito, além de minha biografia pessoal, interferiram no processo, gerando um clima de suspeita. A carta refere-se a isso:

Todavia, alguns membros estão revoltados porque dados pesquisados por pastores constam no laudo antropológico favorável à área indígena. Isto é um fato que está presente na memória como traição da Igreja. E isto causou o tumulto. Fruto da desconfiança plantada por telefonema a Nova Brasília [...]. Explicando: um incidente, no dia 29 de março de 2004, deixou membros revoltados e por isso provocou o imediato cancelamento das atividades de Lori em Nova Teutônia. A pedido de uma porção de famílias da IECLB que acham que Lori usará a sua pesquisa contra eles. Alguns membros da IECLB de Nova Teutônia [...] foram avisados [...] que Lori era indigenista. E isto provocou tensão. Ou seja, uma indigenista estaria em Nova Teutônia fazendo pesquisa para os índios e tudo o que eles dissessem seria usado favorável aos índios²⁵.

²⁴ Carta enviada de Seara após a interrupção da pesquisa de campo por interferência de lideranças do Movimento em defesa dos agricultores da AI Araçáí, com sede em Cunha Porã, SC, e lideranças do Movimento em Defesa dos Agricultores da AI Toldo Pinhal, com sede em Seara, SC, 13/04/2004, p. 1.

²⁵ Carta, 13/04/2004, p.1. Um dos “dados pesquisados por pastores” refere-se a textos sobre a Paróquia de Cunha Porã – Publicação do Distrito Eclesiástico Uruguai – IECLB, ano III, n. 3, de 1993. O título de um dos textos é: “Cunha Porã” – nome de origem guarani (p. 3). Abaixo lemos: “Embora não se

O conflito de membros do presbitério da Paróquia de Cunha Porã, em especial com diferentes instâncias da IECLB na expectativa de apoio unilateral para os colonos, antecedeu minha chegada. A IECLB, em nível de paróquias e de Sínodo Uruguai, tinha se empenhado em se reunir com as famílias para ouvi-las e manifestado sua opinião favorável às exigências de reassentamento ou de indenização por parte do estado de Santa Catarina, mas a articulação foi difícil. O pastor sinodal participou, em conjunto com representantes de outros setores da sociedade, de reunião junto ao governo do estado a este respeito. A carta conclui:

Lori poderá realizar sua pesquisa, mas terá dificuldades com membros da comunidade de Nova Teutônia. Pessoas que são as mais antigas estão dispostas a colaborar com a pesquisa [...] Temos o Presidente da Paróquia, Senhor Carlos Kraft, Germano Ordig, Jorge Germendorf, Jorge Wilhke, Karl Tiemann, entre outros²⁶.

Lauri Wirth, ao tratar da memória religiosa como fonte historiográfica, aponta para o fato de que neste caminho metodológico nos defrontamos com uma pessoa que é interlocutora e que este dado altera completamente as relações presentes no espaço da pesquisa. Ocorre uma relação recíproca, onde

[...] ao mesmo tempo que investiga, o pesquisador também é investigado. E neste particular, a imagem que o depoente tem do investigador pode influenciar decisivamente seu depoimento sobre fatos específicos que estão sendo investigados. É que a memória não se restringe à lembrança do passado, ela o recria a partir de perguntas e referenciais da atualidade. Quem lembra se reconstrói a partir dos códigos e dos referenciais com os quais se identifica na atualidade. Assim, o relato oral se compõe da história do depoente, da expectativa do pesquisador e de uma série de mediações que se interpõem entre os dois ou mais sujeitos.²⁷

A carta assinada pelo presidente da comunidade, ao mesmo tempo em que constatava as resistências, manifestava o interesse de uma parte das famílias da comunidade na realização da pesquisa. Voltei então à região e retomei o trabalho de campo, mas sem a receptividade das duas viagens anteriores. Consegui aos poucos

tenha notícias seguras de confronto dos colonizadores com indígenas: os índios viviam em Cunha Porã e na região. Conta-se que em Araçazinho existia uma reserva indígena Guarani. Aliás, o próprio nome 'Cunha Porã' provém da língua guarani, significando 'moça bonita'. Foi citado no Laudo Antropológico da AI Araçá'í como prova a favor dos Guarani. O texto, segundo a P^a. Claudete Beise Ulrich, foi escrito a partir de entrevistas com pessoas mais velhas da comunidade em época em que não havia mobilização indígena pela terra.

²⁶ Carta, 13/04/2004, p. 2.

²⁷ WIRTH, Lauri Emilio. A memória religiosa como fonte de investigação historiográfica. **Estudos de Religião**, ano XVII, n. 25, p. 179 e 180, jul./dez. 2003.



reconstruir uma relação de confiança e de reciprocidade indispensável para quem percorre um caminho metodológico que dá acesso à memória. Aos poucos me inseri no cenário que pretendia pesquisar, familiarizando-me com seus códigos de linguagem e suas redes de sentido²⁸.

A MEMÓRIA E AS NARRATIVAS FOTOGRÁFICAS

No processo de pesquisa, as narrativas mais impressionantes se davam quando as pessoas buscavam caixas de sapatos cheias de fotografias antigas em preto e branco e comentavam sobre elas. Várias delas justificavam o fato de ainda não as terem colocado em álbuns, mas percebi que a dinâmica de sua memória se adequava mais àquele vai-e-vem de fotos, em que as iam separando e classificando segundo critérios próprios e que de maneira alguma correspondiam à ordem cronológica ou temática dos álbuns. As fotos passavam de mão em mão, enquanto estabeleciam comparações entre o antes, o antigamente, com o atual. Faziam observações a respeito da distinção das roupas e penteados das mulheres, e dos ternos e sapatos impecáveis dos homens, numa época em que se ia para o culto ou à festa de casamento “a pé”, em “lombo de burro” ou “a cavalo” em estradas de “chão batido”.

O exemplo mais característico foi o de Érica visitada por mim em dezembro de 2005, no município de Chapecó²⁹, cujo marido, já falecido, era fotógrafo. Com ele permaneceram fotos de pessoas que nunca vieram buscá-las. Algumas possuíam legendas em alemão, enquanto outras não tinham nenhuma identificação. Pelo olhar “ciumento” de Érica, não tive coragem de pedir fotos emprestadas para fazer cópias, mas também porque no dia seguinte estava indo embora e não teria como devolvê-las. Ela, percebendo meu interesse, deu-me duas fotografias que estavam duplicadas: uma retratava um acampamento de pioneiros no início da colonização, e outra, sua antiga casa de madeira ainda com sua aparência inicial. Quando os visitei em 2004 em Nova Teutônia, esta casa já apresentava as marcas do tempo e do empobrecimento no aspecto do assoalho e nas paredes envelhecidas e deterioradas³⁰.

²⁸ WIRTH, 2003, p. 180.

²⁹ Após o falecimento do esposo, saiu de Nova Teutônia para morar com a filha em Chapecó.

³⁰ As imagens ficaram restrita a algumas situações menos tensas em que tive coragem de pedir licença para fotografar, fotos que me presentearam ou retiradas de publicações.

Figura 2 – Acampamento de pioneiros.



Foto: Alfredo Rickwart, 1926. Nova Teutônia, Seara, SC.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chamou-me a atenção o fato de algumas pessoas me procurarem para colaborar com a pesquisa. Lembro aqui de Guerti Hegele, professora e esposa do P. Luiz Adolfo Hegele, da Paróquia de Nova Estrela, município de Arabutã. Em janeiro de 2006, quando estava na EST cursando Mestrado Profissionalizante em Teologia – Educação Comunitária em Infância e Juventude, ela me procurou para informações e reflexões a respeito do tema. Chamou atenção para a proximidade entre Nova Teutônia (e toda a área reivindicada pelos indígenas) e a área do lago da barragem de Itá, o que agrava ainda mais a situação social, devido à proporção da área atingida e ao grande número de famílias que foram e que ainda serão desalojadas. Falou de um grupo de famílias de agricultores de Nova Teutônia que procurou o grupo de idosos Verdes Vales, na sua Paróquia, para pedir informações sobre terras que pudessem adquirir. Sugeri-me pesquisar as atas da Paróquia de Chapecó e também entrevistar o P. Werner Kiefer, na Paróquia Centro de Porto Alegre. Mencionou seu filho Josias Hegele, que cursava Teologia, na EST e que poderia auxiliar-me com informações.

Durante o processo de levantamento de dados, tive que limitar a ênfase etnográfica por restrições que se colocaram à pesquisa, como as acima mencionadas. Em primeiro lugar, houve um acirramento na disputa pela terra também na AI de Toldo Pinhal, próxima ao distrito de Nova Teutônia. Em parte, o motivo foi a intervenção e a influência exercida pelo Movimento pela Propriedade e Dignidade, do município de



Cunha Porã, sobre o movimento de Seara. Pessoas desse movimento provocaram uma predisposição negativa em relação à realização da pesquisa levantando suspeitas sobre minha imparcialidade, argumentando a partir da minha atuação entre comunidades indígenas nas décadas de 1970, 1980 e 1990.

Uma pesquisa de campo como a que me propus exige um processo de aproximação e construção de relações de confiança, que pressupõe presença prolongada para que a observação direta complemente e contextualize as narrativas coletadas. Estava diante de prazos exíguos e tive que decidir, em conjunto com orientador e co-orientadora, alterar o projeto inicial abrindo mão de pesquisa etnográfica, para me concentrar na consulta a documentos. Ainda assim, os materiais coletados em duas visitas à região e o que foi reunido na última visita em dezembro de 2005 serviram de base para os argumentos da tese.

Assumo a minha parte de responsabilidade, inclusive a respeito dos receios de certos setores quanto aos resultados e aos usos posteriores da pesquisa. De qualquer maneira, como pesquisadoras, não deixamos de estar envolvidas no processo histórico que estamos analisando. Importante é até que ponto estamos aportando para a reestruturação das imagens do passado dessa comunidade, através de narrativas de pessoas do próprio lugar. Mesmo assim, não deixa de existir um cunho interpretativo referenciado nas próprias posições teóricas, nas memórias e experiências históricas vividas pela pesquisadora.

A escrita da história assemelha-se ao trabalho de costureira. Recolhemos documentos, depoimentos, realizamos entrevistas, narramos lembranças e experiências, mas ao final temos um conjunto de retalhos que precisam ser costurados para se transformarem em algo inteiro e com sentido. No entanto, nem tudo que se encontra é significativo e publicável. É necessária uma seleção, um processo de triagem e de reconstrução do material.

A minha entrada em campo como etnógrafa encontrou uma situação de conflito que interferiu não só nas condições, mas nos resultados da pesquisa. As circunstâncias que envolviam esta etapa de levantamento de dados precisavam ser explicitadas para que se entenda não só o resultado final, mas as ausências e as lacunas no texto.

A problemática da imigração, relacionada aos conceitos de memória e conflito, é elemento constitutivo do processo de pesquisa. O contexto da imigração identifica os personagens envolvidos: imigrantes de origem germânica e evangélicos/as luteranos/as



e tantas outras personagens relacionadas. A memória das pessoas configura-se como o lugar em que se constitui e o tempo no qual transcorre a narrativa. A narrativa não é fixa e contínua, mas móvel e fragmentada, mutável e contraditória. Em conversas, diálogos e entrevistas, essas narrativas nascem no jogo de lembrar e esquecer, de omitir e de silenciar.

Desenvolver o tema da presença de imigrantes teuto-brasileiros em Nova Teutônia explicita conflitos com uma comunidade indígena, a partir de disputa por terras. Esses conflitos são transformados em contexto, em pré-texto e pretexto para a recuperação da memória – pretexto como aquela razão aparente ou imaginária a que se recorre para dissimular ou explicar a “crise” que é o motivo real ou imaginário para o atual estado de coisas. O aprendizado de uma pesquisa como essa, não fica só no passado ou na memória das pessoas e da pesquisadora. É contribuição para compreender processos históricos e sociais que ainda hoje, e muito depois, podem ajudar lideranças religiosas, entes políticos e até mesmo operadores da justiça a ponderar quais os caminhos viáveis para a resolução de conflitos sociais, sobretudo nas complexas relações entre comunidades interétnicas.

REFERÊNCIAS

ALTMANN, Lori. **Convivência e solidariedade**: Uma experiência pastoral entre os Kulina (*Madija*). Cuiabá: GTME; São Leopoldo: COMIN, 1990.

ALTMANN, Lori. **Memória e identidade** – Comunidade de Nova Teutônia/SC. **Protestantismo em Revista**, São Leopoldo, v. 5, p. 18-26, set./dez. 2004. Disponível em: <http://www.periodicos.est.edu.br/index.php/nepp/article/viewFile/2143/2051>. Acesso em: 18 jul. 2004.

ALTMANN, Lori. **Memória, identidade e um espaço de conflito**: A Comunidade de Nova Teutônia no contexto de disputa por terra com a comunidade Kaingang da Área Indígena Toldo Pinhal. 2007. 342 f. Tese (Doutorado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo, 2007. Disponível em: http://dspace.est.edu.br:8080/jspui/bitstream/BR-SIFE/77/1/Altmann_I_td61.pdf. Acesso em: 01 jul. 2024.

BADALOTTI, Rosana Maria. **Da ocupação do território no Oeste Catarinense aos dias atuais**: Breve diagnóstico histórico e antropológico sobre os agricultores familiares atingidos pela demarcação de terras indígenas nos municípios de Seara, Arvoredo e Paial – SC. Chapecó, janeiro de 2004 (cópia).

- BLEY, Sonia Maria. Sonho e tradução: algumas considerações. In: ROSA JUNIOR, Norton Cezar; CORRETA, Sandra (org.). **A interpretação dos sonhos: Várias leituras.** São Leopoldo: UNISINOS, 2002.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade:** lembrança dos velhos. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- DECKMANN, Eliane Cristina. **A IECLB e a questão indígena no RS.** Monografia Curso de História, UNISINOS, São Leopoldo, 1985.
- ECKERT, Cornelia. Memória e identidade: Ritmos e ressonâncias da duração de uma comunidade de trabalho: Mineiros do carvão. **Cadernos de Antropologia**, n. 11, 1993.
- FERNANDES, Ricardo Cid. **Relatório circunstanciado de reestudo dos limites da Terra Indígena Pinhal (Toldo Pinhal).** Resultado parcial do trabalho realizado pelo Grupo Técnico constituído pela Portaria da FUNAI n. 020/PRES, emitida pela FUNAI, em 18 de janeiro de 2002. Brasília, 20/06/2003.
- GEBARA, Ivone. **Rompendo o silêncio:** uma fenomenologia feminista do mal. Petrópolis: Vozes, 2000.
- GEERTZ, Clifford. **Negara:** O estado teatro no século XIX. Lisboa: Difel, 1980.
- KOCH, Ingelore Starke (org.). **Brasil: outros 500:** Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo: Sinodal/COMIN/IEPG, 1999.
- SEYFERTH, Giralda. **A colonização alemã no vale do Itajaí Mirim.** Porto Alegre: Movimento, 1974.
- SEYFERTH, Giralda. As contradições da liberdade: Análise de representações sobre a identidade camponesa. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, ano 7, n. 18, fev. 1992.
- SPESSATTO, Mary Bortolanza (org.). **O Diário de Fritz Plaumann.** Chapecó: Argos, 2001.
- TOMMASINO, Kimiye (Coord.) **Relatório de identificação e delimitação da Terra Indígena Guarani de Araçá'í.** Portaria 928 – FUNAI/MJ. Londrina/Chapecó, ago. 2001. v. I e II.
- WIRTH, Lauri Emilio. A memória religiosa como fonte de investigação historiográfica. **Estudos de Religião**, ano XVII, n. 25, p. 179 e 180, jul./dez. 2003.

Recebido em: 23 jun. 2022.

Aceito em: 28 jul. 2022.